

A ARTISTA VISUAL MARTA EMÍLIA expõe peças que remetem ao universo pop na Pinacoteca Universitária, até 27 de janeiro

Plástico fetiche

Francisco Ribeiro
Repórter

A artista visual alagoana Marta Emília é uma foliã inveterada. As cores, as vestimentas e a “energia” do período carnavalesco fascinaram Marta quando criança, e desde então esse festejo exerce uma influência significativa em toda a sua obra. “O carnaval tem muito a ver com a arte por propor o inusitado e a quebra da rotina, por trazer um novo

olhar. Características essas que para mim são bem parecidas com as da arte”.

Além do carnaval, Marta resgata da sua infância outros dois ingredientes que permeiam o seu fazer artístico: o bordado e a pintura. Ao serem combinados e readaptados, tais elementos ganham uma plasticidade incomum, dotada de cores vibrantes, que remetem ao universo lúdico, pop, e evocam imagens presentes no repertório visual de muitas pessoas.

De olho na forma como os objetos

de plástico eram empilhados nas lojas de festa e o desejo da artista de trabalhar com diferentes matérias-primas resultaram na exposição “Plastiche”, aberta a visitação até o dia 27 de janeiro, na Pinacoteca Universitária, galeria de arte mantida da Ufal.

Com curadoria de Henrique Gomes, a exposição se apresenta em duas seções: na primeira, nove painéis de colagens e uma reunião de peças batizadas por Marta de “adornos”. Já na segunda, que abriga a obra que dá nome à exposição,

estão reunidas dezenas de esculturas supercoloridas em acrílico “de festa”. “Plastiche”, segundo a artista, é uma brincadeira com a união das palavras plástico, fetiche e plastiche – termo usado para definir uma obra que imita abertamente o estilo de outro, confundindo-se muitas vezes com a falta de originalidade, a cópia.

Em conversa com O DIA ALAGOAS, Marta Emília falou sobre o processo de criação, suas fontes de inspiração e muito mais. Confira!

“Plastiche” é a sua terceira exposição individual, que vem depois de “Recortes” (2006) e de “Seria pintura, se não fosse recorte” (2011). Ela traz como marca o seu desejo de dar outra dimensão às suas obras bidimensionais. Gostaria que você fizesse mais a respeito. Os painéis são bidimensionais. Neles, foram inseridos alguns círculos que vazam. Como se a pintura estivesse querendo sair do quadrado, da tela. E é justamente essa ponte que eu elaboro entre o bidimensional e objetos que ocupam espaço – os tridimensionais –, como no painel Adornos Autônomos. Eu já o tinha exposto em outro lugar, mas não como está agora. Tentei dar uma roupagem diferente. Nesta versão, para a exposição ‘Plastiche’, eu adicionei um espelho e um modo de usar diferente.

Como foi o processo de criação das peças? São ideias guardadinhas há muito tempo. Por exemplo, a ideia das estruturas de acrílico chamadas ‘Plastiche’ eu já alimentava há um tempão. Eu tinha feito uma tentativa, há um ano, com o intuito de testar como ia ficar. Também realizei pesquisas para encontrar a cola adequada para aquele tipo de material. O tempo que eu levei para fazer “Adorno” foi de uns 20 dias, trabalhando quase todos os dias. Já as esculturas de acrílicos, cerca de um mês. Os trabalhos mais demorados estão nos painéis, que são minimalistas e barrocos. Mini-



malistas pelo processo, porque cada elemento é colocado um a um, é tudo bem devagar. Mas, quando você vê o resultado final, ele é bem barroco, pois tenho uma ânsia de preencher todos os espaços.

Na mostra, nós percebemos nitidamente outras fontes de inspiração, além das artes plásticas, como a música. De que forma as artes em geral serviram como referência para você? Sempre serviram de referência, a exemplo do concretismo e o neoconcretismo. Tem também a questão dos Parangolés, de Hélio Oiticica; a questão da luz, na obra de Lygia Pape; a utilização de objetos precários comuns na arte contemporânea da década de 60 e continua presente; a utilização

dos elementos pops, como os utilizadas pelo artista Nelson Leimer. Além disso, a música está na minha vida 100%. O trabalho tem uma musicalidade, um movimento, que traduz minha mania de ouvir música o tempo inteiro.

As cores também são elementos bastante fortes nos seus painéis... Eu não sei me traduzir sem ser pelas cores. E olha que eu me visto de uma forma sóbria. Nos trabalhos criativos até preciso experimentar cores mais tranquilas para ver como eu me saio com elas. Mas é difícil. A ideia é que a gente vive num local onde se tem muitas cores e que as traduz muito bem. A gente tem uma paleta de cores de verão absurda. Você viu o céu vermelho que

estava na semana passada? Então, as cores gritam muito no local onde a gente vive. E fora isso, há o pop dos anos 70, 80, impregnado em minhas referências.

O tecido é um elemento bastante presente em suas obras em geral. Isso talvez aponte certa aproximação com a moda. Como você vê essa relação? Não intencional. Nunca tive essa intenção. O que tem intuitivamente é que quando era criança eu queria muito bordar e pintar tela. Eu adorava ver as meninas bordando, mas nunca tive essa habilidade. Quando pude ter aulas de pintura, a minha mãe me coloca para pintar tecidos, e não tela. Na época, eu fiquei arrasada, porque queria pintar tela e ela me mandava pintar

pano de prato. Então, eu acho que os recalques ficaram como a coisa do bordado e da pintura em tela.

O bordado surge também intuitivamente. Não é intencional, como nos painéis Brocal 1 e Brocal 2. O resultado me surpreendeu porque pareceu muito com um tecido, uma renda, um bordado. É incrível como às vezes a memória sai e a gente não tem domínio sobre essa memória visual que guardamos. Eu termino um trabalho e fico pensando às vezes: ‘Meu Deus, isso parece um bordadinho, parece um filé e não foi a intenção’. Mas, não existe esse olhar preparado para atingir esse objetivo da moda. O bordado eu acho que está mais ligado à questão do artefato caseiro, doméstico, dos panos para enfeitar a casa, do que a moda. A moda, a coisa do vestir o corpo humano, pode estar presente nas padronagens. Porque o meu trabalho também lembra uma coisa muito de design. É até um desejo meu futuramente enveredar por esse campo. Agora não ligado à moda, mas ligado a elementos para decoração de casas. É um projeto futuro.

Serviço

Exposição Plastiche, da artista visual Marta Emília
Local: Pinacoteca Universitária, Praça Sinimbu, s/n, Centro
Visitação: 21 de novembro de 2013 a 17 de janeiro de 2014
Mais informações: (82) 9341 1330